

EDUCAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL

Fabio Barbosa Ribas Jr.¹

Novembro | 2004

A juventude sempre foi considerada um período delicado e decisivo da vida humana. No entanto, no mundo atual os conflitos e desafios que envolvem a vida dos jovens vêm se exacerbando de forma incomum. No Brasil de hoje, estar situado na faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos já configura, por si só, uma situação de risco. Certamente, um país que não oferece aos jovens oportunidades adequadas de desenvolvimento pessoal e profissional tem pouco a esperar do futuro. Nesse contexto, a sociedade espera da escola pública uma contribuição significativa para que as crianças e adolescentes tenham um futuro melhor. Para ser coerente com o tema do presente artigo, uma forma adequada de expressar o desafio atual da educação seria a seguinte: como a escola pode apoiar os jovens para que eles façam do mundo um lugar melhor para se viver?

1. SITUAÇÃO ATUAL DA JUVENTUDE NO BRASIL

O Brasil possui 34 milhões de brasileiros na faixa de 15 a 24 anos.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Juvenil, lançado em março de 2004 pela UNESCO/Brasil,² a alta polarização na distribuição de renda no país tem gerado formas muito diferenciadas de acesso dos jovens aos serviços sociais básicos, reforçando a vulnerabilidade especialmente entre os brancos pobres e os afrodescendentes. As limitadas condições de acesso a uma educação de qualidade e ao mercado de trabalho ampliam os contingentes de jovens sem atividade definida. Embora o país tenha registrado significativos avanços na redução do analfabetismo entre jovens de 15 a 24 anos, em quase 75% das Unidades da Federação as médias de anos de estudo não chegam aos oito anos (e em algumas não atingem cinco anos). A qualidade do acesso ao conhecimento é bastante precária: dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) apontam deficiências significativas quantos às competências em leitura, matemática e ciências nos jovens de 15 anos. Para agravar esse quadro, a mortalidade juvenil, ao contrário do que ocorre com a população em geral, vem crescendo historicamente, sendo sua principal causa os fatos violentos (frequentemente associados a ocorrências em que os jovens são vítimas ou autores de atos infracionais ou crimes).

Segundo o IBGE, um a cada dois desempregados no Brasil tem menos de 25 anos de idade. Mais de quatro milhões de brasileiros de 15 a 24 anos declaram não estudar, não trabalhar e não procurar trabalho. De cada dez jovens de famílias de baixa renda no país, somente quatro estudam, sendo três fora da série correspondente à faixa etária.

A conjunção de baixa escolaridade, pouca oportunidade para desenvolver competências básicas requeridas pelas novas configurações do mundo do trabalho e reduzida oportunidade de mobilidade social empurra muitos jovens para a criminalidade e explica, em boa medida, o crescimento da violência no país.

A mudança dessa realidade envolve esforços de várias ordens. Há um aspecto, contudo, que costuma ser esquecido nos debates sobre o tema: os jovens não podem ser considerados apenas como parte do problema, mas devem ser vistos também como parte fundamental da solução. Não é possível fazer frente à exclusão juvenil sem abrir espaço para que os jovens sejam protagonistas dos processos de mudança.

¹ Diretor da Prattein – Consultoria em Educação e Desenvolvimento Social. E-mail: prattein@prattein.com.br.

² Waiselfisz (2004).

2. ALTERNATIVAS TRADICIONAIS DA JUVENTUDE: INTEGRAÇÃO OU REBELDIA

Embora os modernos meios de comunicação e marketing ofereçam aos jovens uma pluralidade de mensagens, parece predominante um tipo de apelo ao consumo que não faz menção (ou que parece indiferente) ao destino do mundo e da humanidade. As mensagens daí derivadas estimulam a compra de novos produtos e o cuidado obsessivo com o corpo, concebendo os jovens tão somente como um segmento de mercado ao lado de outros. Trata-se aí de um processo de integração do jovem à lógica do consumo, que estimula a alienação em relação aos problemas sociais e o desinteresse pela reflexão ética e pela ação social transformadora. As pedagogias críticas sempre se posicionaram contra essa tendência, vendo nela uma ameaça à liberdade e ao pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Em pólo oposto ao mundo do consumo encontra-se o mundo do trabalho. Tradicionalmente, os jovens de baixa renda, filhos de operários, tinham diante de si a perspectiva de ingresso precoce no trabalho para ajudar no sustento de suas famílias. Em regra estes jovens assumiam ocupações de baixa qualificação, que limitavam suas chances de ascensão social. Embora hoje essa forma de integração limitadora ainda seja presente, vem crescendo no país a consciência de que é preciso criar outros caminhos que viabilizem aos jovens de baixa renda oportunidades adequadas de inserção profissional e de desenvolvimento de competências de auto-sustentação. Alguns autores³ propõem que se institua a garantia de renda aos jovens mais pobres, com forma de adiar seu ingresso precoce no mercado de trabalho.

Ao contrário da integração alienada (pela via do consumismo) ou da integração forçada (pela via do trabalho que apenas garante a sobrevivência), a rebeldia contra o sistema instituído emerge historicamente como alternativa de resistência e liberdade para os jovens. A rebeldia se assenta em elementos intrínsecos à condição juvenil, tais como a contestação do mundo e do poder, a indignação ética, a vontade de inovar e de alargar as fronteiras da liberdade.

Em artigo sobre o tema, Renato Janine Ribeiro⁴ aponta que desde a metade do século XX os jovens são disputados por duas forças mais ou menos antagônicas: a publicidade (que acena com a felicidade pessoal pela via do consumo) e a revolução (que acena com a mudança radical e a liberdade). A primeira força continua mais viva do que nunca. Com efeito, as crianças e jovens configuram, hoje, um segmento de especial interesse para o marketing e a propaganda. A segunda força vem passando por intensas transformações desde o final da guerra fria e o colapso do comunismo. Contudo, sua energia ressurgiu sob novas formas diante das manifestas dificuldades do capitalismo globalizado para reduzir as desigualdades sociais, garantir a sustentabilidade do planeta e oferecer boas perspectivas de desenvolvimento humano para a maioria das pessoas.

3. UMA NOVA ALTERNATIVA: PROTAGONISMO JUVENIL COMO FORMA DE PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

Como alternativa à contraposição entre consumismo e revolução, o conceito de participação democrática oferece base sólida, nos dias atuais, para se pensar o papel da educação no desenvolvimento do protagonismo juvenil.

³ Pochmann (2004).

⁴ Ribeiro (2004)

O termo “protagonismo” refere-se à nossa capacidade de participar e influir no curso dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social. Exercer o protagonismo significa não ser indiferente em relação aos problemas de nosso tempo.

Protagonismo juvenil é a participação consciente dos adolescentes em atividades ou projetos de caráter público, que podem ocorrer no espaço escolar ou na comunidade: campanhas, movimentos, trabalho voluntário ou outras formas de mobilização.

Contudo, nem toda forma de participação contribui de forma positiva para o desenvolvimento social. O tipo de participação a ser promovido das escolas é o protagonismo juvenil que pressupõe um compromisso com a democracia.

No protagonismo juvenil democrático os jovens transcendem o universo de seus interesses puramente particulares e se defrontam com questões de interesse coletivo. Exercitam sua cidadania ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento da comunidade. Do ponto de vista educacional, o estímulo ao protagonismo juvenil se justifica, sobretudo, como forma de desenvolvimento da experiência democrática na vida dos jovens.⁵

O tema do protagonismo juvenil traz para os educadores a oportunidade e a necessidade de refletir sobre o significado do conceito de participação. Segundo o UNICEF:

*“... a participação é um direito do adolescente que implica a possibilidade de (i) manifestar sua opinião, (ii) intervir com sua ação e (iii) garantir com sua avaliação que as políticas a eles destinadas pelos serviços, programas e benefícios sejam estruturadas de acordo com suas necessidades e interesses. Essa participação implica um processo de diálogo permanente em que o que deve prevalecer não é uma opinião isolada, seja do adolescente, seja do adulto, mas o resultado de diferentes visões acomodadas num consenso construído com respeito de ambos”.*⁶

O trecho acima citado nos leva a indagar em que medida as escolas estariam favorecendo um efetivo aprendizado da participação para seus alunos. Ainda são muito comuns ambientes escolares em que se procura regular o comportamento dos alunos unicamente com medidas disciplinares punitivas ou mediante a imposição de normas de conduta elaboradas à revelia da participação dos estudantes e que, desta forma, não contribuem para o desenvolvimento da sua autonomia e competência ética. Uma situação deste tipo sequer configura um processo de participação dos alunos, pois são unicamente os adultos que determinam e controlam o que os jovens deverão fazer. Para que possam promover adequadamente o protagonismo juvenil, é preciso que as escolas criem situações em que a participação dos adolescentes não seja meramente decorativa, mas sim efetiva: situações que possibilitem níveis progressivamente mais elevados de planejamento, avaliação, tomada de decisão e condução de processos de ação.

O conceito de protagonismo juvenil guarda afinidade com uma outra idéia de valor que pode contribuir para a renovação dos métodos educacionais: o conceito de empreendedorismo juvenil. Empreender é exercer a capacidade de imaginar, planejar e colocar em prática sonhos e projetos. A imagem clássica do empreendedor é a de alguém que concretiza seus projetos individuais. Nada impede, porém, que tais projetos sejam coletivos e direcionados ao bem-estar da coletividade. O crescente desenvolvimento da área social vem gerando o conceito de “empreendedorismo social”: uma associação entre a capacidade empreendedora (baseada em competências técnicas e comportamentais que favorecem, a partir de idéias inovadoras, o alcance de objetivos de forma criativa, autônoma e arrojada, com eficiência e eficácia, considerando riscos e incertezas) e a competência ética (baseada no

⁵ Gomes da Costa (2001).

⁶ UNICEF Brasil (2002).

compromisso com a garantia da sustentabilidade social, a redução das desigualdades e o atendimento às necessidades da coletividade).

Um campo fértil para o exercício do protagonismo e do empreendedorismo social pelos jovens é o trabalho voluntário. O envolvimento dos alunos em atividades voluntárias junto a entidades de caráter comunitário permite que eles desenvolvam uma atitude solidária e uma compreensão crítica dos problemas sociais. Para tanto, é fundamental que a escola e os educadores criem condições pedagógicas que possam propiciar esse aprendizado social e tratem o protagonismo juvenil com a mesma prioridade que deve ser concedida ao aprendizado da língua, da matemática e dos demais componentes curriculares básicos.

Projetos de protagonismo juvenil, tais como o engajamento dos jovens em ações voluntárias em benefício da comunidade, não são atividades descomprometidas de pesquisa ou observação do meio. São ações de cidadania que trazem oportunidades para a ampliação do conhecimento dos alunos sobre a realidade social e possibilitam uma compreensão mais evoluída de questões ligadas aos direitos humanos, à ética, à justiça social, à tolerância, à paz, à diversidade sociocultural e à superação de preconceitos. Ao participar dos projetos dessa natureza, os alunos aprendem a contribuir para o desenvolvimento de pessoas e instituições da comunidade. Por seu turno, ao adotar tal estratégia a escola amplia sua capacidade de educar para a cidadania solidária.

4. DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO JUVENIL: UMA TAREFA PARA ESCOLAS E EDUCADORES

Em seus escritos, Paulo Freire sublinhava que a educação libertadora é aquela que ajuda as pessoas a serem sujeitos de sua própria história e a transformar as circunstâncias da realidade quando ela se antepõe ao pleno desenvolvimento humano. Da forma como é aqui concebida, a educação voltada ao desenvolvimento do protagonismo juvenil democrático tem afinidade com os princípios da pedagogia de Paulo Freire.

Como as escolas podem promover o protagonismo juvenil democrático? Algumas sugestões seriam as seguintes:⁷

- Estimular o protagonismo juvenil por intermédio de discussões sobre temas críticos para a cidadania. Os alunos devem ser ouvidos e estimulados a propor temas de seu interesse.
- Propor de projetos que promovam uma atmosfera pacífica e mais solidária na escola e na comunidade, além de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.
- Promover a participação dos jovens das escolas públicas em atividades de intercâmbio com jovens de outras escolas e instituições, possibilitando o conhecimento de outras realidades e o desenvolvimento de projetos comuns.
- Estimular a criação de grêmios estudantis, com participação dos alunos na discussão e decisão dos objetivos e atividades.
- Promover projetos, ações e práticas que contribuam para tornar as escolas lugares mais seguros e respeitados, fontes de conhecimento científico e cultural, de sociabilidade e de exercício democrático.

⁷ As sugestões apresentadas foram extraídas do documento “Prevenção da violência e educação para a paz: um guia para reflexão e ação”, publicado pela Secretaria Municipal de Educação de João Monlevade.

PRATTEIN

- Promover formas criativas, vinculadas às artes e à cultura, de desestímulo ao vandalismo contra o patrimônio público (depredação, pichação etc.), envolvendo a participação responsável dos alunos e estimulando o cuidado com o bem comum.
- Incentivar a formação de grupos de jovens nas escolas, com vistas à promoção de atividades lúdicas, culturais, esportivas, debates e festas. A participação e a integração dos jovens deve se dar, preferencialmente, desde o processo de concepção das atividades.
- Buscar contemplar necessidades de inserção criativa dos alunos na comunidade e no mundo do trabalho, abrindo espaço na escola para atividades de informação e reflexão sobre os problemas sociais da comunidade e as mudanças no mundo do trabalho, e estimulando nos jovens o interesse pelo empreendedorismo individual e social.
- Promover a realização de projetos de voluntariado jovem junto a organizações do terceiro setor, propiciando o desenvolvimento do espírito solidário e a compreensão crítica dos problemas sociais.
- Sintonizar os educadores e profissionais da educação com a visão de uma educação voltada à construção da autonomia dos alunos.
- Envolver os alunos na gestão de seu próprio desenvolvimento educacional, evitando que isto se processe apenas a partir de controles externos.

Para concluir, fica aqui uma sugestão de reflexão: que ações de protagonismo juvenil têm sido propiciadas por sua escola? Que passos sua escola deve dar para se tornar mais capaz de estimular o protagonismo democrático nos alunos? Como os educadores devem se preparar para tal tarefa?

BIBLIOGRAFIA

GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. *Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador*. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JOÃO MONLEVADE. *Prevenção da violência e educação para a paz: um guia para reflexão e ação*. João Monlevade, SME, 2004.

UNICEF Brasil. *Relatório da situação da adolescência brasileira*. Brasília, UNICEF, 2002.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003*. Brasília: UNESCO, 2004.